

MÁRIO, KLAXON, ESTÉTICA E TERRA ROXA

Maria Célia de Moraes LEONEL*

1. Mário e periódicos modernistas

As considerações que se seguem vinculam-se estreitamente a volumes da parte da Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, constituída por livros e periódicos colecionados pelo próprio escritor a que nos referimos. Como afirmou Telê P. Ancona Lopez, em palestra na Biblioteca Municipal Mário de Andrade de Araraquara: o autor de *Macunaima* colecionava não de um modo fetichista, mas como atividade cotidiana de preservação do patrimônio cultural.

Esse patrimônio, conservado pelo IEB, vem suscitando inúmeros projetos de pesquisa e tem permitido a realização de uma série deles. Um dos projetos desenvolvidos é o estudo de periódicos modernistas, efetivado em dissertações e teses, orientadas, principalmente, pelos Profs. Drs. José Aderaldo Castello e Cecília de Lara. Em geral, a análise dos periódicos leva em consideração a sua inserção no Modernismo do Brasil.

Tais pesquisas só se tornaram possíveis porque Mário colecionou revistas e jornais literários do país e do exterior. Esse material é testemunho daquele período fervilhante da nossa vida cultural. Ainda que as manifestações tenham se restringido a alguns grupos de jovens artistas e intelectuais, sua repercussão permanece até hoje, demonstrando a sua relevância.

* Docente do Programa de Pós-Graduação

É sobre o papel de Mário de Andrade em três periódicos, *Klaxon*, *Estética* e *Terra Roxa* - os mais importantes entre aqueles então editados - que nos debruçamos. Para tanto, além do exame das publicações mencionadas, consultamos os frutos das pesquisas sobre as mesmas desenvolvidas no IEB: *Klaxon & Terra Roxa e outras Terras* de Cecília de Lara (1972) e *Estética e Modernismo*, feita por mim (1984).

Os três periódicos, duas revistas - *Klaxon* e *Estética* - e um tablóide, *Terra Roxa e outras Terras*, surgem no eixo Rio-São Paulo, pelo fato de serem essas cidades as maiores metrópoles do país e também, ou principalmente, por apresentarem, na vida cultural, uma intensidade inexistente nas demais capitais e em outras cidades.

2. Mário e *Klaxon*

Klaxon é publicada em São Paulo, entre maio de 1922 e janeiro de 1923, sem indicação de nomes de diretores ou de diretor. Sendo assim, com a pergunta sobre o alcance da presença de Mário no periódico, cabe outra questão: há um grupo de escritores e de intelectuais responsável pela revista? A pesquisa de Cecília de Lara sobre *Klaxon* mostra que sim. Compõem o grupo: Guilherme de Almeida, seu irmão Tácito de Almeida, Mário de Andrade, Rubens Borba de Moraes, Yan de Almeida Prado, Couto de Barros, Oswald de Andrade. Reúnem-se num "escritorinho", onde, segundo Guilherme de Almeida, tudo é resolvido "amistosa e alegrissimamente sempre". Graça Aranha dá seu apoio e, para a composição da capa que a um colaborador d'O Imparcial parece "engenhoso reclame de um purgativo enérgico" (LARA, 1972, p.24), acompanha alguns membros do grupo à tipografia. Essa informação relaciona-se à importância das capas e da diagramação interna de *Klaxon*, enquanto marcas de renovação nos projetos gráficos dos periódicos no Brasil.

Mário da Silva Brito afirma que, embora a revista não tivesse exteriorizado sua hierarquia administrativa interna, há funções específicas. Sobre o ponto principal de nossas

investigações, esse pesquisador do Modernismo diz ser Mário de Andrade “a grande figura intelectual do mensário” (BRITO, 1972).

É ele também quem acompanha as dificuldades financeiras da revista, solicita textos para edição e informa os colaboradores sobre os próximos números. E percebe quando ela deve acabar:

O número [8/9] está bom e talvez seja o último da minha adorada Klaxon. Depois cessa definitivamente, porque será substituída por uma nova: Knock-Out, de mais larga liberdade e com editores ricos: Paulo Prado e Tarsila Amaral. Chegam da Europa em Janeiro e trazem colaboração de grandes nomes europeus. (ANDRADE, 1967, p.84)

Mário tem razão: o número duplo 8/9 é o último. Tem razão também quanto ao motivo do esgotamento do periódico: o fechamento excessivo, o fato de restringir-se aos jovens que articulam a revista e aos colaboradores por eles contatados. Daí o conselho de Mário a Carlos Drummond de Andrade em carta de agosto de 1925:

Vocês não podem e nem Rio nem São Paulo podem fazer uma revista moderna às direitas sem ficar igrejinha como Klaxon. E isso é contraproducente. Carlos. Façam uma revista como A Revista e botem bem misturado o modernismo bonito de vocês com o passadismo dos outros. Misturem o mais possível. É o único meio da gente fazer do público terra-caída amazonense. (ANDRADE, 1982, p.46)

Quanto à participação de Mário em *Klaxon* como colaborador, o primeiro ponto a ser ressaltado é que, embora não tenha assinado o texto, é ele o autor do artigo de apresentação dessa primeira revista do Modernismo no Brasil. O propósito dessa colaboração é, naturalmente, definir a orientação da revista dentro de parâmetros inovadores. No artigo-manifesto, o periódico é considerado como continuador do movimento iniciado com a Semana de Arte Moderna, mas com a intenção de construir, já que, na visão do articulista, a Semana é um momento

de destruição. Nesse texto de abertura de *Klaxon*, Mário afirma ainda o **princípio de atualidade** e o de **internacionalidade** da revista, proclamando que a mesma não se filia a nenhuma corrente estética. Não renega o passado e procura, em todos os campos, elementos aplicáveis à arte, da ciência ao cinema. As palavras de ordem são **riso e alegria**.

Ainda que tendo causado reações desfavoráveis, as posições são equilibradamente apresentadas. Em resposta a uma das manifestações contrárias ao texto de introdução de *Klaxon*, que dizia ser o artigo de apresentação uma síntese do Manifesto futurista, no artigo “O homenzinho que não pensou”, Mário de Andrade refuta praticamente cada item do Manifesto, aceitando apenas dois deles (1922, p. 10-11). Nessa resposta, há a tentativa de definir o moderno, o que, no periódico, cabe ainda a Rubens Borba de Moraes e Motta Filho.

Para a apreensão das idéias marioandradinas veiculadas pela revista, é preciso examinar também notas curtas, bem como treze resenhas e crítica literária, que o escritor assina com as iniciais de seu nome ou com pseudônimos.

Tendo publicado um poema que não é entendido, escreve “Farauto” - “o anônimo, velho e obediente, porta-voz da cólera e da inveja” (ANDRADE, 1922a, p. 1-3) - texto esclarecedor para os próprios modernistas, onde mostra a artificialidade do soneto. Em outra oportunidade, faz um balanço de 1922, citando obras modificadoras de nossas letras. Na verdade, as produções arroladas pouco têm a ver com a modernidade. Ao mesmo tempo, deixa de incluir *Paulicéia desvairada* que considera à parte, pelo desvairismo e “caráter selvagem”. Tais impropriedades se devem à dificuldade de, no momento, discernir o que é ruptura.

Nas resenhas, esforça-se para avaliar as obras e desvelar os processos de elaboração. Embora nem sempre se mostre seguro nessa tarefa, caindo em armadilhas, vai construindo o perfil da crítica literária brasileira não tradicional. Nas notas e comentários, sua presença é marcante, procurando

situar a arte em termos de espaço e tempo, insistindo sempre no contato diversificado com vanguardas européias. (LARA, 1972, p. 109)

Apontando autores com que *Klaxon* mantém contato - Cocteau, Papini, Huidobro, entre outros, - ou mencionando poetas do passado e do presente - Baudelaire, Verlaine, Rimbaud, Cendrars - , Mário mostra a amplitude da modernidade dos **klaxistas**.

Mas Mário faz também crítica musical, tratando de concertos, intérpretes, compositores de São Paulo. O critério a direcionar os comentários é sempre o da **modernidade** e do **brasileirismo**. Na crítica cinematográfica, a melhor análise é sempre dele. Examina o filme paulista "Do Rio para São Paulo para casar", avaliando a fotografia, a ação, os cenários, a montagem e criticando a cópia de hábitos norte-americanos como acender fósforos no sapato. Estimula a produção cinematográfica nacional, ao mesmo tempo que faz uma leitura sensível de "O garoto" de Charlie Chaplin sem cair na rede da exigência de objetos modernos para a arte moderna.

Quanto à criação literária propriamente dita, não há colaboração em prosa do escritor, mas contamos com três poemas: "Poema", "São Pedro" e "Poema abúlico", além do soneto "Platão", encaixado num artigo para mostrar a ausência de naturalidade nessa forma fixa. "São Pedro" é interessante pelo jogo entre elementos tradicionais e da modernidade: festa junina em fazenda com luz, telefone, automóvel. O tom é irônico e sentimental ao mesmo tempo, com interpolações jocosas. Já o "Poema abúlico" beira a prosa, ironiza a rotina paulistana, com

*lustres floridos em papel de seda ... e
(...) os bibelôs gêmeos sobre os pianos!* (ANDRADE, 1923)

Os poemas marioandrados adquirem importância fundamental se lembrarmos que, em *Klaxon*, além de sua poesia, apenas a do espanhol Guillermo de Torre e a de Luís Aranha encarnam a primeira hora modernista, sendo que a deste último é claramente influenciada por Mário de Andrade.

De todo modo, as colaborações do autor de *Paulicéia desvairada* revelam sempre uma inteligência à procura da construção de um *corpus* teórico que balize o Modernismo brasileiro e, conseqüentemente, a sua crítica. Com tropeços, pensa a poesia, a música, o cinema, a vida moderna.

3. Mário e *Estética*

Estética, a segunda revista do Modernismo, é publicada no Rio de Janeiro, sob a direção de Sérgio Buarque de Holanda e de Prudente de Moraes, neto, em 1924 e 1925. Sérgio pede a cooperação dos **klaxistas** e Mário prontifica-se a colaborar e a obter a contribuição dos amigos. Veremos que, com os diretores, ele é um dos mentores do periódico.

O exame da revista demonstra que o poeta de *Remate de males* manifesta-se com o empenho de sempre acerca de todos os principais temas discutidos em *Estética*. Através desses temas, mostraremos a sua contribuição fundamental. Resenhas e ensaios do periódico apontam a preocupação de reconstruir a **história do movimento modernista** e de levantar seus **princípios estéticos**. Apesar da falta de distanciamento temporal dos colaboradores, muitas de suas posições são aceitáveis ainda hoje, especialmente as dos diretores e as de Mário de Andrade. Desse último, *Estética* publica a “Carta aberta a Alberto de Oliveira”, em que expõe com largueza suas posições. Reconhece a presença da imitação nos primórdios do Modernismo como inspiradora da revolta, ao mesmo tempo que coloca o *i no pingo*, como diz Guimarães Rosa, em relação à participação de Graça Aranha, mostrando que o autor de *Canaã* não é responsável pela eclosão do movimento.

O **primitivismo**, outro ponto de discussão do Modernismo, é também abordado por Mário de Andrade. Em resenha a livro de Blaise Cendrars, opõe primitivismo e literatice, apontando a presença do primeiro no poeta francês, em Sérgio Milliet, Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade.

Na mesma resenha, retoma a discussão sobre o **lirismo**, que levanta desde o “Prefácio interessantíssimo”. Distingue **lirismo**, emoção pura, e **poesia**, que é arte, organização. A preocupação com esse mesmo problema destaca-se na resenha a *Meu* de Guilherme de Almeida. Nesse momento ainda, como em *Klaxon*, Mário se vê enredado em dificuldades ao apreciar a produção de um companheiro de aventura como Guilherme de Almeida, que, na verdade, é mais parnasiano que modernista na maior parte de sua obra.

De Guilherme de Almeida, Mário salienta o **intelectualismo**, vendo-o como elemento criador, embora às vezes possa ser pernicioso. Chega ao cúmulo de considerar a produção desse agitador do Modernismo como superior à de Gongora e de Mallarmé por não conservar-se na abstração (ANDRADE, 1925a). O vaivém dos elogios e ressalvas revela o malabarismo do resenhista para justificar a inclusão de *Meu* no universo modernista. Esse tipo de problema não é enfrentado apenas por Mário, mas por outros colaboradores em relação a obras como as de Guilherme de Almeida.

A posição marioandradina em relação ao passado, está na mesma “Carta aberta”. Critica o parnasianismo, considerando-o inconseqüente, formalista e pregador de “brasileiradas”. Acusa os parnasianos de terem recalcado o “lirismo bonito que tinham dentro do coração” e atrapalhado “pelo menos duas ninhadas de poetas brasileiros” (ANDRADE, 1925, p. 332-339).

A “Carta” é oportunidade para atacar o Simbolismo pelo “hedonismo vazio” e pela falta de função prática. Mas estabelece já a relação entre o Romantismo e o Modernismo, hoje um lugar comum. O Romantismo é valorizado por ter tido “uma função brasileira”.

No entanto, o ponto principal do ideário de *Estética*, manifestado claramente em ensaios, resenhas e na criação é o **nacionalismo**. Na “Carta aberta a Alberto de Oliveira”, como dissemos, Mário reconhece a imitação no movimento, mas acredita que, naqueles anos, a distância entre Brasil e Portugal é enorme. Em especial, apresenta nitidamente uma **posição antropofágica** ao propor o aproveitamento da experiência alheia, adaptando-a, criando novidades.

Tenta definir o **nacionalismo** na resenha a *Meu* e conclui que esse conceito é dado por

Uma premência, sofreguidão, precisão (determinando gestos imediatos) de figurar dentro duma nacionalidade definida e original. (ANDRADE, 1925a, p.297)

A definição é vaga, mas é possível apreender, pela análise de seus textos, o modo de aplicar a sua proposta à literatura, conforme mostramos em *Estética e Modernismo*:

a expressão do nacionalismo está na transmutação poética dos variados aspectos da vida do país, cuidando-se, no entanto, de evitar o ufanismo descritivo. (LEONEL, 1984, p. 117)

O melhor exemplo de aplicação do **nacionalismo** no texto literário está justamente na maior colaboração do autor do “Prefácio interessantíssimo” à criação em *Estética*. Trata-se do poema “Noturno de Belo Horizonte”, que, com cinquenta estrofes e quatrocentos e tantos versos, é a mais significativa contribuição em poesia no periódico. Canto de amor a Minas Gerais e ao Brasil, aprofunda-se a um tempo nos aspectos tradicionais da vida do país e na exploração poética do cotidiano: paisagens pitorescas, cego e menino pedindo esmolas, enchentes, cidades históricas, agricultura e culinária mineira. O tom terno e bem-humorado do início, entretanto, na parte final, cede espaço ao ufanismo *kitsh*, dentro do espírito *Clã do jabuti*.

Outra colaboração de Mário em *Estética*, é “Danças”, conjunto de nove poemas, distintos, mas aproximados pela temática da vontade de partir, do *Vou-me embora pra Pasárgada*. O movimento, a pressa, o barulho, os acontecimentos simultâneos de São Paulo se sucedem no discurso. Os versos têm comprimento variado, enumeração desordenada, repetições de toda ordem.

Há também uma colaboração em prosa, “Moral cotidiana”, com duas cenas de um único e terceiro ato. Discurso lúdico, irônico, com clara intenção de denunciar a dupla

moralidade burguesa. A construção é cômica, explorando o melodrama.

A contribuição de Mário e a dos diretores constituem os pontos direcionadores da revista. Tanto no terreno dos ensaios, quanto no da criação, a colaboração dele é sempre reveladora das direções do Modernismo naquele momento.

4. Mário e *Terra Roxa*

Terra Roxa e outras Terras tem sua publicação iniciada em janeiro de 1926 em São Paulo. O último número, o sétimo, é de setembro do mesmo ano. Conta com **ex-klaxistas** e participantes de *Estética*, além de colaboradores de Minas Gerais e do Rio Grande do Norte.

Todavia, os textos mais importantes são os de Mário de Andrade - os mais profundamente pensados - e de Antonio de Alcântara Machado. O primeiro tem treze textos publicados, só perdendo, em quantidade, para Sérgio Milliet.

A tônica do periódico é o que, nele, é chamado de **brasileirismo**. Nos anos de edição de *Terra Roxa*, o Modernismo já ganhara algum espaço na vida nacional e seus adeptos se dividem por questões políticas e ideológicas. Com nitidez, articula-se o verde-amarelismo de Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Plínio Salgado com seu reacionarismo literário e político.

A cisão se evidencia no tablóide. O *Losango cáqui* de Mário é criticado com virulência por Menotti que insiste no prejuízo que ele causa no grupo modernista por sua *desabusada audácia mental*:

Já ouço a ninhada futurista que se acocora em torno de Mário e cacareja sistemáticos aplausos. gralhas sacudindo as penas.
(PICCHIA, 1926)

Mário replica no mesmo tom, em coluna ao lado da de Menotti, afirmando que a aceitação do autor de *Juca Mulato* no

início do movimento dá-se porque “tudo servia”, mas como “a inteligência continuou despida”, o atacante é considerado como “pedante imprestável”.

Todavia, as ousadias lingüísticas marioandradinas são também objeto de censura por parte de Sérgio Milliet, a quem nosso escritor responde com os recursos da linguagem pelos quais é visto com reserva. Em *Terra Roxa*, portanto, Mário ainda é atirador, mas também é alvo.

Uma colaboração importante do escritor no tablóide é constituída de comentários sobre pintura e música. Analisando a produção de Gastão Worms, afirma estar o pintor no momento crucial de escolha: ser “pintador” ou artista. Como “pintador”, pode até ficar rico; como artista,

será chamado de cabotino, de futurista e de ignorante da leiseternadabeleza (sic) (ANDRADE, 1926)

A crítica musical é feita com o pseudônimo de Pau D’Alho. Acredita que o brasileiro ainda possui, no que se refere à música, uma atitude subalterna em relação ao passado e ao estrangeiro, o que não ocorre nas artes plásticas. Critica a seleção de compositores brasileiros, em geral realizada segundo os critérios de um nacionalismo patrioteiro.

Terra Roxa valoriza o circo, da mesma forma que os dadaístas distinguem o *clown*. Mário chega a dizer que os únicos espetáculos teatrais interessantes no país são o circo e o teatro de revista, pela originalidade e naturalidade.

Em *Terra Roxa*, o poeta da *Lira paulistana* tem oportunidade de manifestar-se mais diretamente no campo da **política**, embora com posições que não se especificam. Assim, considerando “a frondosa imbecilidade humana”, afirma:

o Comunismo é talvez a solução mais exata que se possa dar pro homem social. (ANDRADE, 1926a)

No Brasil haveria já um comunismo

repolhudinho-da-silva: é a convivência da falta-de-caráter em que todos vivemos numa incomensurável paz. (ANDRADE, 1926a)

Na “Carta protesto” a Sérgio Milliet, que escrevera “só se é brasileiro sendo paulista”, Mário discorda veementemente dessa posição regionalista, dizendo até que o paulista teria sido aquela besta reverendíssima dos Emboabas, “arara e covardão”, descuidando da terra a ponto de ela ter deixado de dar café, sem falar sobre a Isidora, sobre o que teria muito o que contar. O modo de ver de Sérgio Milliet é considerado como míope, saudosista e sintoma de decadência.

Quanto ao que se refere às questões da criação artística, Mário publica em *Terra Roxa* um longo artigo intitulado “Inerência do deslumbramento à beleza”. Nele defende a idéia de que o Belo só existe quando “produz um prazer deslumbrado”, ou seja, a sensação de deslumbramento é inerente à Beleza, exigindo o novo, a surpresa.

Como vemos, Mário não é, formalmente, diretor de nenhum dos três periódicos, mas todos contam com sua participação ativa e com sua orientação. Sua presença é mais forte em *Klaxon*, diminuindo em *Estética* e em *Terra Roxa*, onde não deixa, porém, de dar sua decisiva colaboração. Polêmico e provocativo, demolidor e muitas vezes tolerante com os companheiros de luta, Mário de Andrade está sempre respondendo a um estímulo para pensar o Modernismo, a poesia, a arte, a política e a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. de. O homenzinho que não pensou. *Klaxon*, São Paulo, n. 3, p. 10-11, jul. 1922.
- ANDRADE, M. de. Farauto. *Klaxon*, São Paulo, n. 7, p. 1-3, nov. 1922a.
- ANDRADE, M. de. Poema abúlico. *Klaxon*, São Paulo, n. 8/9, p. 13-15, jan. 1923.
- ANDRADE, M. de. Carta aberta a Alberto de Oliveira. *Estética*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 332-339, abr./jun. 1925.
- ANDRADE, M. de. Guilherme de Almeida. *Estética*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 296-306, abr./jun. 1925a.
- ANDRADE, M. de. Gastão Worms. *Terra Roxa e outras Terras*, São Paulo, n. 1, p. 3, jan. 1926.
- ANDRADE, M. de. Salas Subirat. *Terra Roxa e outras Terras*, São Paulo, n. 7, p. 2, set. 1926a.
- ANDRADE, M. de. *Cartas a Manuel Bandeira*. São Paulo: Ed. de Ouro, 1967.
- ANDRADE, M. de. *A lição do amigo*: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro, José Olympio, 1982.
- BRITO, M. da S. O alegre combate de *Klaxon*. In: *Klaxon*. Ed. fac-similar. São Paulo: Martins/Conselho Estadual de Cultura, 1972. s.n.
- LARA, C. de. *Klaxon & Terra Roxa e outras Terras*: dois periódicos modernistas de São Paulo. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.
- LEONEL, M. C. de M. *Estética e Modernismo*. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, Fund. Nac. Pró-Memória, 1984. (Linguagem e Cultura)
- PICCHIA, M. del. O Losango cáqui. *Terra Roxa e outras Terras*. São Paulo, n. 2, p. 4, fev. 1926.